

Introdução

A proposta desta pesquisa foi levantar uma reflexão sobre possíveis origens da dificuldade simbólica apresentada pelas crianças autistas. Provavelmente, esta limitação ocorre devido aos problemas que estas crianças têm em se conectar afetivamente com os outros. Desde muito cedo, as experiências intersubjetivas características das interações diádicas estariam prejudicadas. Por isso, as interações triádicas não aconteceriam de forma organizada, prejudicando o desenvolvimento da capacidade simbólica.

O autismo foi originalmente descrito por Kanner (1943) para designar inabilidades comuns em onze crianças que ele acompanhava. As incapacidades por ele observadas incluíam as dificuldades apresentadas por essas crianças em fazer contato afetivo com outras pessoas, severos distúrbios de linguagem e, uma resistência excessiva a mudanças no meio ambiente. A partir de então, foram realizados inúmeros estudos na tentativa de estabelecer critérios para o diagnóstico do autismo. Hoje, os diferentes sistemas diagnósticos (CID 10, 1993; DSM-IV-TR, 2002) concebem o autismo como um transtorno do desenvolvimento e, baseiam seus critérios em problemas apresentados no domínio de uma tríade de prejuízos igualmente observada por Kanner. Desta maneira, o transtorno do espectro autista se caracteriza por uma tríade de manifestações que englobam prejuízos na interação social; prejuízos na comunicação verbal e não-verbal e na imaginação e jogo simbólico e, comportamentos e interesses restritos e repetitivos. Essa tríade de manifestações pode variar imensamente dependendo do nível do desenvolvimento do indivíduo e do grau de severidade, conseqüentemente, a síndrome do autismo é bastante heterogênea e complexa.

Embora a CID-10 (1993) e o DSM-IV-TR (2002) considerem que o diagnóstico do autismo deva ser dado até os três anos de idade, as manifestações do transtorno autista são observadas desde muito cedo no desenvolvimento do bebê que mais tarde é diagnosticado com autismo. Essas evidências precoces podem ser observadas pelos prejuízos na interação sócio-afetiva e, conseqüentemente, prejuízos na comunicação social.

No primeiro ano de vida de uma criança autista é possível observar a falta de comportamentos comunicativos pré-verbais que antecedem o aparecimento da fala. Os déficits da comunicação social dessas crianças são notados principalmente pela ausência da capacidade da atenção compartilhada, o que se reflete na dificuldade da coordenação da atenção entre pessoas e objetos. Outras evidências marcantes são os prejuízos na produção dos gestos, das palavras, da imitação e do jogo simbólico. E ainda, na capacidade do uso do símbolo, o que significa dificuldades em aprender significados convencionais ou compartilhados. Estas dificuldades sócio-comunicativas refletem os prejuízos na responsividade emocional e na interação social inicial, característicos das crianças com autismo.

Uma das características mais marcantes e intrigantes da síndrome do autismo é o déficit na interação sócio-afetiva. De acordo com Hobson (2002), o desenvolvimento das crianças autistas está inteiramente prejudicado porque faltaria a elas uma habilidade inata de se conectarem emocionalmente. As interações diádicas iniciais entre o bebê que desenvolve o autismo e sua mãe aconteceriam de forma desordenada devido ao prejuízo na sensibilidade, na responsividade e na expressividade emocional do bebê. Existiria um prejuízo na habilidade da criança autista de se engajar emocionalmente com outras pessoas. E, como resultado disso, as crianças com autismo não reagiriam às expressões emocionais das outras pessoas da mesma forma que ocorre com as crianças com o desenvolvimento típico. Faltaria às crianças autistas a base para todo o seu desenvolvimento posterior, isto é, a interação social. Se não há engajamento emocional, não pode haver interação social; o primeiro é a base para o segundo.

Adotando uma perspectiva social acerca do desenvolvimento, Trevarthen (2001) denominou a conexão emocional inicial entre uma pessoa e o bebê de intersubjetividade primária. Ela é caracterizada por interações diádicas, ou seja, trocas de experiências e emoções entre a mãe e o bebê entre 0 e 9 meses de vida.

Segundo Trevarthen (2001), a criança demonstra ter uma percepção crucial dos sentimentos e propósitos do seu parceiro social desde o nascimento. A intersubjetividade na infância é inicialmente pré-verbal; as formas lingüísticas da intersubjetividade se baseiam e são influenciadas por formas pré-verbais. Esta teoria descrita por Trevarthen pode ser observada quando um bebê, com poucas semanas de vida, participa ativamente com a mãe de protoconversas e, nesse

engajamento mútuo, tanto a mãe quanto o bebê modificam as suas ações e expressões emocionais de acordo com o que cada um recebe do outro. Isso acontece porque o bebê percebe que o seu comportamento comunicativo pode modificar a resposta da mãe. Então, se o bebê é capaz de regular e mobilizar o comportamento e as ações do outro é porque ele tem uma percepção do seu estado subjetivo e, assim, se engaja nas relações intersubjetivas que conduzem ao desenvolvimento da linguagem.

Porém, no caso das crianças autistas, esse engajamento social e emocional parece não acontecer. A sincronia que caracteriza as protoconversas entre a mãe e o bebê não seguiria o padrão típico do desenvolvimento e, com isto, os comportamentos comunicativos pré-verbais expressados reciprocamente pelos gestos, movimentos da cabeça, vocalizações, trocas de olhar podem estar bastante comprometidos. A regulação mútua das ações conjuntas pode estar bastante prejudicada na relação diádica entre a mãe e o bebê que é mais tarde diagnosticado com autismo. O bebê não é capaz de antecipar a ação da sua mãe, pois não está consciente dos efeitos contingentes característicos da ação conjunta. A dificuldade na conexão emocional e social das crianças autistas não permite que elas sejam reguladoras das relações interpessoais e, sendo assim, a coordenação mútua que proporciona o surgimento da linguagem não ocorre de maneira satisfatória. Portanto, parece que as relações diádicas ou, a fase da intersubjetividade primária ocorre de forma desordenada no autismo se comparada às crianças com o padrão típico do desenvolvimento.

No desenvolvimento típico da comunicação social observa-se que, a partir dos 9 meses de idade, o bebê aumenta o seu interesse pelos objetos e eventos presentes em sua rotina. Mãe e bebê compartilham o mundo a sua volta e, essa nova experiência permite o aprendizado de novas habilidades no desenvolvimento da criança. A interação anterior que era diádica passa a ser triádica indicando que houve a integração de uma nova forma de intersubjetividade: a intersubjetividade secundária (Trevarthen, 2001). Isso significa dizer que os comportamentos triádicos envolvem uma coordenação da atenção entre o bebê e a mãe com objetos ou eventos e, demonstram que o bebê se interessa pelas atitudes e sentimentos dos outros com os objetos.

Segundo Tomasello (2003), as interações triádicas são caracterizadas pelos comportamentos de atenção conjunta ou atenção compartilhada. A partir dos 9 meses de idade, os comportamentos de engajamento mútuo da criança de seguir e direcionar a atenção do outro ao objeto, definem o surgimento da capacidade da atenção conjunta. Estes comportamentos indicam que os precursores da fala estão presentes no desenvolvimento da criança. A criança demonstra sua intenção comunicativa quando dirige ativamente a atenção e o comportamento dos adultos para entidades exteriores através dos gestos protodeclarativos. Por exemplo, a criança aponta para um objeto, mostra o objeto ou dá o objeto para um adulto. Os gestos comunicativos podem ser imperativos, no sentido de fazer com que o adulto faça algo em relação ao objeto, ou declarativos, para compartilhar o seu interesse com um adulto.

Contudo, o uso dos gestos intencionais no repertório comunicativo da criança ainda não indica a presença da capacidade simbólica no seu desenvolvimento. Bates (1976, 1979) sugere que o processo para se alcançar a comunicação simbólica se inicia desde as interações diádicas, precursoras da atenção conjunta. As ritualizações das ações conjuntas que ocorrem entre mãe e bebê permitem que as ações naturais do bebê se transformem em gestos intencionais e estes em símbolo ou fala referencial.

De acordo com Stern (1992), a capacidade da intersubjetividade secundária no desenvolvimento da criança permite que ela compartilhe com a mãe experiências subjetivas por intermédio da sintonia afetiva. Stern diz que o afeto conjunto é o modo mais importante de trocar as experiências subjetivas. As respostas afetivas são demonstradas pela criança interagindo com a mãe quando, por exemplo, a criança percebe a expressão materna como sendo correspondente com a sua experiência afetiva. Isso mostra claramente as cadeias e seqüências dos comportamentos recíprocos que formam os diálogos sociais. Os afetos seriam o principal meio de comunicação entre a mãe e o bebê e um passo fundamental para a aquisição da capacidade simbólica.

Desde muito cedo, identifica-se a dificuldade das crianças autistas em se conectarem social e afetivamente com os outros. Estudos realizados a partir de vídeos familiares indicam dificuldades na fase da intersubjetividade primária, ressaltando os sinais de autismo antes mesmo dos 12 meses de idade. (Trevvarthen

& Daniel, 2005). Outros estudos apontam para os prejuízos na capacidade da atenção compartilhada e, com isso, percebe-se as falhas existentes nas interações triádicas (Snow, Hertzig, Shapiro, 1987; Yirmiya, Kasari, Sigman & Mundy, 1989; Dawson, Hill, Spencer, Galpert & Watson, 1990; Kasari, Sigman, Mundy & Yirmiya, 1990; Sigman, Kasari, Kwon & Yirmiya, 1992; Charman, Baron-Cohen, Swettenham, Cox, Baird & Drew, 1997). Os prejuízos na capacidade da atenção conjunta incluem a ausência de comportamentos comunicativos pré-verbais citados acima. A ausência da intenção comunicativa é notada, pois os autistas não olham para a face do outro, não prestam atenção aos objetos manipulados por outras pessoas, produzem pouco ou nenhum gesto declarativo, não se envolvem em jogos de faz-de-conta (Tomasello, 2003). São raros os episódios nos quais as crianças autistas seguem ou dirigem a atenção do adulto. Elas apresentam menos olhar para o experimentador, alternância do olhar, apontar e seguir o apontar do que crianças com desenvolvimento típico. Os déficits em iniciar o engajamento mútuo também são característicos das crianças com autismo, além dos prejuízos na imitação das ações dos adultos.

Portanto, levando em consideração as possíveis falhas das crianças autistas em se conectarem afetivamente com o outro desde as interações sociais diádicas e triádicas e, os conseqüentes prejuízos nos comportamentos da atenção conjunta e na capacidade simbólica, o **objetivo** desta pesquisa foi investigar se e como ocorreu a conexão afetiva entre crianças autistas e uma terapeuta.

Este trabalho é apresentado em cinco capítulos. O capítulo 2 destina-se ao estudo dos efeitos da afetividade nos processos intersubjetivo primário e secundário e, suas conseqüências para o desenvolvimento típico da capacidade simbólica. Foram consultados os estudos de Bates (1976, 1979), Stern (1992), Trevarthen (2001), Hobson (2002) e Tomasello (2003). Estes teóricos se propõem compreender como as experiências afetivas das duas fases do desenvolvimento do bebê se integram conduzindo à aquisição da capacidade simbólica.

No terceiro capítulo são apresentados os déficits afetivos, sociais, da fala e simbólicos que comprometem as crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro autista. São apresentados estudos que identificam as dificuldades características da fase da intersubjetividade primária da criança que mais tarde recebeu o diagnóstico para autismo, como por exemplo, os estudos de vídeos

familiares (Adrien, Faure, Perrot, Hameury, Garreau, Barthelemy & Sauvage, 1991; Adrien, Lenoir, Martineau, Perrot, Hameury, Lamarde & Sauvage, 1993; Osterling & Dawson, 1994; Baranek, 1999). Em seguida, são apresentadas as dificuldades sócio-afetivas do autismo e suas conseqüências no desenvolvimento da intersubjetividade secundária, da atenção conjunta e da capacidade simbólica através dos estudos de Snow, Hertzig, Shapiro (1987), Yirmiya, Kasari, Sigman & Mundy (1989), Dawson, Hill, Spencer, Galpert & Watson (1990), Kasari, Sigman, Mundy & Yirmiya (1990), Sigman, Kasari, Kwon & Yirmiya (1992), Charman, Baron-Cohen, Swettenham, Cox, Baird & Drew (1997). Por fim, é discutida a dificuldade manifestada pelas crianças autistas em fazer uso da linguagem e da capacidade simbólica (Stone, Hoffman, Lewis & Ousley, 1994; Prizant, Schuler, Wetherby & Ryderll, 1997; Stone, Ousley, Yoder, Hogan, Hepburn, 1997; Wetherby, Prizant & Hutchinson, 1998; Toth, Munson, Meltzoff & Dawson, 2006; Wetherby, 2006).

A partir dos estudos dos capítulos 2 e 3, foram levantadas categorias discretas (quantitativas) e categorias diádicas de relação e afetiva (qualitativas), utilizadas para análise dos dados desta pesquisa. As categorias discretas abrangem os comportamentos sociais (contato ocular, sorriso social, toque, atenção ao interesse do outro), os comunicativos não-verbais e verbais (gesto apontar imperativo, gesto apontar declarativo, vocalizações, uso de palavras/frases referenciais, combinação do uso de gestos, vocalizações e contato ocular) e os comportamentos afetivos (combinação de expressão emocional mais contato ocular e referência social). As categorias diádicas de relação e afetiva correspondem, respectivamente, à regulação mútua e à forma da sintonia afetiva.

Considerou-se que uma vez estando as crianças autistas inseridas em um contexto de interação social e de trocas intersubjetivas fosse possível perceber sinais sutis da conexão afetiva. Para investigar se houve conexão afetiva entre criança e terapeuta foram utilizados os critérios qualitativos (regulação mútua e forma da sintonia afetiva). Os critérios quantitativos foram utilizados para identificar se havia indícios de comportamentos sociais, comunicativos (pré-simbólicos e simbólicos) e afetivos. Assim, pode-se identificar se e como ocorreu a conexão afetiva das crianças autistas e se havia indícios do desenvolvimento da

capacidade simbólica. Caso houvesse sinais da capacidade de simbolizar, observou-se se existia ou não correlação com a capacidade afetiva.

Assim, O capítulo 4 destinou-se à pesquisa de campo. Participaram desta pesquisa dois grupos de crianças. O primeiro grupo foi composto por duas crianças autistas, selecionadas em uma clínica de intervenção precoce localizada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. O segundo grupo foi composto por duas crianças com desenvolvimento típico. O procedimento adotado para a realização da coleta dos dados foi a filmagem da interação social entre criança e terapeuta em três situações semi-estruturadas. Das três situações, duas delas originaram duas cenas distintas de filmagem, totalizando cinco cenas utilizadas para a análise dos dados. Os quatro participantes foram filmados em interação com a mesma terapeuta. A análise dos dados foi realizada em dois níveis: quantitativo e qualitativo. O primeiro dirigido à observação da frequência das categorias discretas e o segundo destinado à descrição qualitativa das categorias diádicas de relação e afetiva.

Esta pesquisa buscou abrir novos caminhos para se pensar sobre os processos de intervenção clínica. As situações de interação propostas para a observação da conexão afetiva podem conduzir aos processos intersubjetivos entre criança e terapeuta e, com isto, proporcionar um caminho rumo ao desenvolvimento da capacidade simbólica.

Além disto, esta pesquisa abrangeu o que está além desses comportamentos manifestos na interação social. Houve o interesse em saber como era a qualidade da interação social devido ao pouco conhecimento teórico sobre este aspecto. Portanto, foram incluídas no estudo as categorias de relação e afetiva. Estas categorias qualitativas foram observadas pela maneira como os parceiros, estando conectados um ao outro, expressaram seus sentimentos.

Portanto, no capítulo 5 conclui-se que é possível observar expressões emocionais sutis de conexão afetiva entre crianças autistas estando elas em interações interpessoais com o outro. Esta conexão afetiva parece influenciar no desenvolvimento da capacidade simbólica.